

FUNDAMENTOS DE UMA ESCOLA PRA VALER

(Ensaio sobre os Institutos Federais de Ensino)

By Mauro Oliveira



Prof Luiz Fernando, criador do middleware GINGA, em visita aos “netos” de Aracati

>>> Guido Lemos, João, Nicodemos, LF, Arthur, Samuel, Gustavo, Mauro <<<

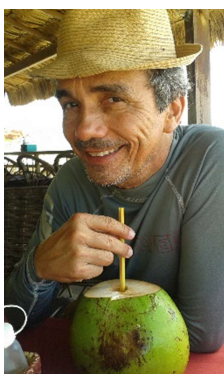
01. Sobre o Processo de Eleição numa Escola
02. Sobre Escola Social
03. Sobre Estética como a Quinta Linguagem
04. Sobre um MIT do Sertão
05. Sobre Informação & Conhecimento
06. Sobre Aluno Gestor da Escola
07. Sobre Esporte & Vida Saudável
08. Sobre Startup, Mercado & Economia Criativa
09. Sobre Meritocracia & Tolerância
10. Sobre Felicidade

20 de agosto de 2016

Currículo do autor:

O Prof Mauro Oliveira

Trabalha no IFCE Aracati
Mora em Canoa Quebrada (Ce)
Nada diariamente 2.000.000 mm no mar
Tem 3 Carolinas, a neta Laís...
Mais de 20 bolsistas e 7 orientandos.



Técnico em Eletrotécnica pela antiga Escola Técnica Federal do Ceará (ETFCE - 1973); Licenciado para o Ensino de 1º e 2º Graus (Universidade Federal do Ceará, UFC - 1976); possui graduação em Engenharia Elétrica (UFC - 1982); mestrado em Sistemas de Computação (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Puc-Rio - 1987); doutorado em Informática (Université Pierre et Marie Curie, Paris VI - 1993) e dois pós-doutorados em Telecomunicações: King's College of London - Inglaterra (2003-2004) e University of Ottawa - Canada (2009-2010).

Foi Diretor Geral do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará, CEFET, Ceará (1998); Secretário de Telecomunicações do Ministério das Comunicações (2004) e Secretário Adjunto de C&T do Ceará (2007). Desde 1974 é Professor do IFCE.

É membro do colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação do IFCE. Foi Professor Visitante da Universidade de Troyes (França 2003) e Professor Visitante da Universidade de Evry (França 2015).

Criou os projetos de responsabilidade social Pirambu Digital (www.pirambudigital.com.br) e Aracati Digital (www.aracatidigital.com.br). Atualmente é líder do grupo de pesquisa cadastrado no CNPq denominado LAR-A (Laboratório de Redes de Computadores de Aracati) e bolsista de produtividade científica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Ceará (FUNCAP).

É membro da Academia Aracatiense de Letras (Aracati - Ceará) e articulista do Jornal o POVO com duas centenas de artigos publicados.

Prezados professores, administrativos e alunos

Sou ex-aluno e professor do IFCE desde 1974. Fui diretor geral da ETFCE e do CEFET Ceará, nomes anteriores de nossa instituição. Motivado com a proximidade do processo eleitoral aos cargos de reitor e de diretor geral em algumas unidades do IFCE, contribuo com algumas opiniões que considero fundamentos para os que se candidatam à nobre missão de dirigir uma instituição de ensino com qualidade.

Estes fundamentos são alicerçados no conceito de “Escola Pra Valer”, uma mística **mágica e intangível** que faz de cada aluno, cada servidor administrativo e cada servidor professor um agente efetivo de uma Escola diferente, transformadora da sociedade. Esta mística da “Escola Pra Valer” leva o aluno à **mágica** compreensão de sua importância para uma sociedade melhor e aos professores e administrativos o **intangível** prazer na construção diária desta Escola.

Para tanto, proponho os seguintes fundamentos:

1. Sobre o Processo de Eleição numa Escola

“Uma Escola que não serve para modificar a sociedade não serve a ela”

Nada mais incompatível com a missão de uma Escola do que servidores candidatos praticarem no processo eleitoral os mesmos vícios dos políticos na sociedade. Com efeito, o processo eleitoral em uma Escola é uma excelente oportunidade para que os agentes educacionais de uma “Escola Pra Valer” exercitem, pela prática, o discurso ético e de outros valores ditados em sala de aula, desconsiderados pelos políticos profissionais (sic). Em assim procedendo, a Escola transforma a sociedade. Caso contrário, ela fortalece os vícios da sociedade e *não serve a ela... nem pra ela*.

Não é digno de dirigir uma “Escola Pra Valer” quem a confunde e a trata como uma “prefeitura de segunda categoria” nos períodos de eleição, como acontece em algumas instituições públicas de ensino no Brasil. Tampouco é digno desta Escola quem compactua nesta cumplicidade.

Já dizia o saudoso Prof Anchieta, ex-diretor geral da ETFCE: “uma Escola tem a cara do seu diretor”. Numa “Escola Pra Valer”, ele deve usar seu carisma e agir com inteligência pedagógica com alunos, justiça administrativa com servidores, audácia inovadora com a instituição.

Recomendação: o candidato deveria se apresentar apenas com seus programas e propostas, poupando a comunidade do pedido individual do voto, no famoso “corpo a corpo” por vezes constrangedor. Portanto, qualquer tipo de assédio, promessas de cargos ou de benefícios que não sejam os da própria instituição, são “cafonescos” que não cabem em uma “Escola Pra Valer”.

Leitura complementar: “Esta escola né pra ti não” (Jornal O POVO, em 09/abr/16)

Link para acesso: <https://amauroboliveira.wordpress.com/jornal/>.

2. Sobre uma Escola Social

“O aluno nos percebe mais pelo que fazemos do que pelo que dizemos”

O caldo social do “coronelismo” (quem for podre que se quebre) com a “lei do Gerson” (o lance é levar vantagem em tudo) parece ainda impregnar nossa sociedade que só se solidariza em situações de grande comoção. Nosso aluno precisa ser alertado contra o individualismo deste “caldo”, ser motivado para a solidariedade com o outro, estimulado para perceber na ajuda ao outro um componente de sua felicidade, despertado em sua autoestima na capacidade extraordinária que tem de transformar a sociedade. Assim, o aluno precisa também ser agente de seu próprio processo educacional. Afinal, *ele nos percebe, a nós educadores, mais pelo que fazemos do que pelo que dizemos!*

Sem essa ideologia pedagógica educação torna-se treinamento servindo apenas para reforçar o individualismo do aluno, fortalecendo seus vícios morais do “caldo” preconceituoso e desumano da sociedade. Os campeões dos “outdoors” na cidade não são, necessariamente, os campeões na vida em seu sentido lato.

Nossos alunos são futuros líderes da sociedade. Precisamos prepará-los para cuidarem bem dela. Esta é a sina de uma “Escola Pra Valer”!

Recomendação: o candidato deveria se comprometer fortemente com a responsabilidade social de nossos alunos. Existem vários mecanismos eficientes para isso. Todos eles passam pelo protagonismo social do aluno, pela magia de sua autoestima à flor da pele. A ideia da disciplina (obrigatória) Projetos Sociais, por exemplo, desperta nele a capacidade de mudar o mundo. A disciplina precisa, no entanto, ser universalizada e resignificada no dia-a-dia da instituição como um modelo pedagógico; mais do que isso: como uma ideologia institucional, um componente da mística mágica e intangível de uma “Escola Pra Valer”!

Leitura complementar: “O capitão da minha alma” (Jornal O POVO, em 12/jan/2012)

Link para acesso: <https://amauroboliveira.wordpress.com/jornal/>.

3. Sobre a Estética como a Quinta Linguagem

“Trocara toda a minha tecnologia por uma tarde com Sócrates” (Steve Jobs)

Quatro linguagens parecem senso comum como indispensáveis numa Escola de qualidade. Português, matemática, inglês e informática são requisitos para o sucesso do aluno em qualquer atividade profissional. No entanto, ter apenas estas disciplinas nos currículos não é suficiente. Fazem-se necessárias estratégias que visem a proficiência do aluno motivando-o a ser também um protagonista pedagógico na construção de seu próprio caminho.

Além destas quatro linguagens, o mundo moderno está a exigir de nossos alunos outras habilidades, além das profissionais, tais como criatividade e comunicação. Estas duas habilidades são aqui definidas com Estética Profissional, uma quinta linguagem. A Estética, como linguagem, necessita da filosofia e da arte (música, teatro, dança, etc.) e precisa ser introspectada de forma intensa na vida do aluno. Quem nunca entrou em um museu, nunca fez teatro e nem dançou, nunca tocou violão e nem cantou, etc., terá mais dificuldade para entender porque Steve Jobs *“trocara toda a sua tecnologia por uma tarde com Sócrates”*.

Caso contrário, o aluno será, provavelmente, menos criativo e se comunicará menos. Viverá menos intensamente... exatamente o contrário do que almeja uma “Escola Pra Valer”!

Recomendação: o candidato deveria, a exemplo do Projeto Social (Fundamento 2), se comprometer com a adoção da filosofia e da arte na rotina curricular dos alunos, em todos os cursos, como uma marca da praxis educacional da Escola. Seria a metáfora do “um violão para cada aluno”, parafraseando o programa governamental “um computador para cada aluno”, popular no final do século passado na revolução da internet... (Humm! Pensando bem, um violão para cada aluno não seria nada mal).

Leitura complementar: “Uma tarde com Sócrates” (Jornal O POVO, em 06/mar/2012)

Link para acesso: <https://amauroboliveira.wordpress.com/jornal/>.

4. Sobre um MIT do Sertão

“... tentei tirar o máximo de mim. É o melhor que o homem pode fazer na vida!” (Dom Quixote in Cervantes)

O Prof Brasil da UFC costumava dizer: na ETFCE a “eletrônica entrava pelos dedos”. Esta nossa imagem de quem aprende fazendo deve-se, talvez, ao fato de termos, à época, mais laboratórios do que salas de aula. Na verdade, somos do “savoir faire” ao “pourquoi faire”. Esta vocação mais tecnológica que científica nos diferencia, como acontece nas Universidades Técnicas na Alemanha, nas Escolas Superiores na França, no MIT (Massachusetts Institute of Technology) nos EUA. Somos, por vocação, mais inovação do que as universidades!

Seria uma meta possível ao IFCE ser um dia um MIT em uma cidade no interior do Brasil? Ser uma Escola tecnológica de excelência com reconhecimento internacional, transcende o discurso e a vontade, exigindo estratégias, muito trabalho e articulação. Fazem-se necessários vários ingredientes: visão de futuro, valorização da meritocracia, identificação de grupos emergentes de desenvolvimento e pesquisa, o entendimento da inovação como um processo gerador de renda e criador de empresas e, principalmente, a adoção de estratégias na formação dos alunos com técnicas modernas de ensino, inovação e pesquisa.

Uma destas estratégias seria um fortalecimento destacado das cinco linguagens comentadas no fundamento 3 (português, matemática, inglês, informática e “Estética”) e da lógica de programação (Fundamento 4). Por exemplo, um requisito indispensável para o “MIT do Sertão” é a proficiência dos alunos na língua inglesa. A propósito, costumo brincar com meus alunos pedindo-lhes que levantem o braço os que são ricos. Esta “lorota pedagógica” serve para alertá-los sobre a seguinte realidade: jovens da classe média alta a classes sociais acima, salvo raríssimas exceções, são proficientes na língua inglesa. Ou seja, eles estão em desvantagem, atrasados, sem esta ferramenta indispensável ao mundo tecnológico e cultural contemporâneo.

Portanto, uma geração de jovens bem formada com as linguagens de base indispensáveis (português, matemática, inglês, informática), Estética (filosofia e arte) & Lógica alcançará, provavelmente, melhores resultados profissionais... *“ao dar o máximo de si, o melhor que o homem pode fazer na vida”!*

Recomendação: o candidato poderia se comprometer com as estratégias acima, criar mecanismos para o fortalecimento das cinco linguagens citadas e incentivar a disseminação do estudo de lógica de programação em todos os cursos do IFCE. A exemplo dos russos que adotam o xadrez na Escola e dos americanos que, recentemente, adotaram “a hora do código” (CODE.ORG), deveríamos criar uma estratégia própria para a universalização do estudo de lógica na Escola, um contraponto ao ensino tradicional (unidirecional, cansativo e ineficiente), criando uma nova geração de alunos pensadores, criativos e estéticos, mais aptos à inovação.

Um eficiente procedimento para se alcançar a universalização das cinco linguagens na instituição junto aos alunos é a técnica de “apadrinhamento”, comentada a seguir, no Fundamento 5. Nela, um aluno é estimulado a ensinar/acompanhar outro aluno de um semestre anterior, “apadrinhando-o” com a paixão do ofício de ensinar, seduzido que foi para esta nobre missão pelo seu treinador/animador. O fantástico desta técnica é que, ao final, não se sabe quem aprendeu mais: o aluno que ensinou/acompanhou seu colega iniciante ou o aluno “apadrinhado”. O certo é que, em assim procedendo, estaremos dando passos largos e seguros na consolidação da mística mágica e intangível da “Escola Pra Valer” que buscamos.

Leitura complementar: “Uma breve história do tempo” (Jornal O POVO, em 19/maio/2015)

Link para acesso: <https://amauroliveira.wordpress.com/jornal/>.

5. Sobre Informação & Conhecimento

“A 300m da pirâmide eu me ajoelhei, peguei um punhado de areia e o deixei cair lentamente. E disse para mim mesmo: modifiquei o Saara! O ato foi insignificante mas precisei de toda uma vida para dizer estas palavras”
(Jorge Luis Borges, Museu do Amanhã – Rio de Janeiro).

Em pleno século XXI ainda presenciamos práticas tradicionais de ensino onde o aluno é tornado um enfadonho sujeito receptor de informações. Na era do “Pokémon” a informação não é mais “segredo de Plano de Aula”. Ela está disponível e acessível facilmente, via eletrônica ou não.

Já o conhecimento é a informação contextualizada. Conhecimento é semântica, é a informação tratada, inferida, criticada, debulhada como diz o forte homem do sertão. Daí a necessidade do aluno ser estimulado a pensar mais do que ouvir. O conhecimento embasa a criticidade do aluno. Não tem como se avaliar um fato somente com a informação sem o seu contexto. É imperativo o conhecimento para a ação crítica, seja ela tecnológica ou político-social.

Priorizar o conhecimento sobre a informação é um ingrediente indispensável na “Escola Pra Valer”. E não se transforma, com eficiência, informação em conhecimento sem Estética (Fundamento 3) e Lógica (Fundamento 4).

Assim, novas exigências são requisitos a quem se arrisca hoje ser um agente de educação. Além de profundo conhecedor do tema que leciona, o professor de uma “Escola Pra Valer” precisa ser mais “treinador” da equipe, um atento animador de um circo onde a atração principal é o aluno. Esta é a grande diferença de uma “Escola Pra Valer”! Nela, o aluno ensina ao outro aluno, “apadrinhando-o”, seduzido que foi para esta nobre missão pelo seu treinador/animador.

Para se perceber nesta Escola, o aluno precisa estar *“modificando seu Saara a todo momento, tendo a consciência de que este ato é a sua mágica e suas palavras são intangíveis”*.

Recomendação: o candidato deveria, inicialmente, priorizar o tema educação nas conversas em campanha, junto à comunidade. Em seguida, poderia mirar-se no exemplo do Jorjão, humilde zelador do IFCE Aracati, quando “profetiza”, dedo em riste para os alunos: “você têm que sair pelo portão da Escola melhor do que entram... para melhorar esta cidade”. Mais do que isso, o candidato deveria se superar neste tocante, pois nada mais chato do que um dirigente de uma Escola que só fala em números e esquece o seu “mágico e intangível” dever educacional.

Leitura complementar: “Entre tablets e lousas digitais... salvaram-se todos” (Jornal O POVO, em 19/jan/2015). Link para acesso: <https://amauroboliveira.wordpress.com/jornal/>.

6. Sobre o Aluno Gestor da Escola

“O Perigo é ter Medo” (Motorista de um taxi quando lhe indaguei se a Lapa no Rio era perigosa)

Parece claro que no modelo “Escola Pra Valer” o aluno tem maiores responsabilidades porquanto ator principal de um teatro diferente que tem seu professor como diretor de cena. Nela o aluno é estimulado ao palco e não à audiência. É verdade que a “Escola Pra Valer” é um risco, tal qual a arte quando imita a vida. Mas a viver é um risco! A “Escola Pra Valer” é para melhorar a vida, por isso ela não pode esconder dos alunos os riscos da vida, tal como ela é.

Por exemplo, é incompreensível, tanto na escola pública ou privada, salas desarrumadas e laboratórios com ar condicionado e computadores ligados após a aula. Perde-se dinheiro e uma espetacular oportunidade de uma ação educativa de responsabilidade junto aos alunos.

Quando diretor-geral da ETFCE sempre nos preocupávamos com a realização da calourada. Tivemos uma calourada tranquila quando decidimos entregar aos alunos (com supervisão, é claro) a gestão do sempre agitado evento. A fórmula do sucesso foi a mesma da Escola Social (Fundamento 2): estímulo à autoestima do aluno, falando-lhes francamente, valorizando-os.

Recomendação: o candidato deveria repensar o modelo tradicional, por vezes prepotente e centralizador, e arriscar! Fazer uma “Escola Pra Valer” é um risco! Viver é um risco! Um bom começo é dialogar sistematicamente com os alunos e com suas lideranças, outorgando-lhes responsabilidades na instituição no sentido de despertá-los à mística mágica e intangível da “Escola Pra Valer”. É missão intransferível do reitor/diretor geral ser o maestro da sinfonia que envolve o sonho “sempre possível” dos jovens. Jovens de sua instituição. Seus jovens!

Leitura complementar: “A medalha de ouro vai para ...” (Jornal O POVO, em 06/ago/2016). Link para acesso: <https://amauroboliveira.wordpress.com/jornal/>.

7. Sobre o Esporte & Vida Saudável

“Jamais diga aos jovens que seus sonhos são impossíveis. Nada seria mais dramático e seria uma tragédia se eles acreditassem nisso” (Shakespeare)

São conhecidas por todas as vantagens do esporte para a saúde e a sociedade brasileira tem cada vez mais reagido positivamente aderindo a atividades esportivas, desde caminhadas a passeios ciclísticos em grupo, dentre outras. No entanto, percebe-se que esta “moda atraente”, que afeta comunidades mais maduras não chegou com a mesma força na Escola.

Ademais, alunos sedentários tem o quadro agravado com a péssima qualidade da alimentação da maioria dos alunos, além de casos de obesidade. Muito se alimentam com carboidratos de baixo valor nutritivo, disponível em cantinas existentes nos estabelecimentos, as vezes mais motivadas pelo aspecto comercial do que pelo nutricional. Pesquisa tem revelado que consumir carboidratos em excesso é tão prejudicial à saúde quanto gorduras saturadas.

Esporte e alimentação são, portanto, dois ingredientes que precisam ser cuidados para dar sustentabilidade aos Fundamentos anteriores. Afinal, estes sete Fundamentos são uma forma pragmática de dizermos aos jovens que sonhos são possíveis. Caso contrário, nada seria mais dramático e seria uma tragédia se eles não acreditassem em seus sonhos.

Recomendação: o candidato deveria priorizar estas questões que requerem mais recursos e melhor gestão. Em relação ao esporte, sou do tempo da educação física todo dia, do período ginásial à faculdade. Com toda a precariedade que o esporte possa ter acontecido (falta de infraestrutura, etc.) ficou impregnado em nossa geração sua importância como um componente essencial ao equilíbrio entre corpo e mente, disposição física e do espírito.

Em relação à alimentação, a existência de restaurante estudantil (e de sua manutenção) parece ser a solução. Muitos são os alunos que passam praticamente todo o dia na Escola (bolsistas, uso de biblioteca, falta de infraestrutura em casa, etc.). No entanto, o perfil socioeconômico do nosso aluno do interior, na maioria das vezes, o impede de uma boa alimentação diária.

Leitura complementar: “A medalha de ouro vai para...” (Jornal O POVO, em 09/jun/2016). Link para acesso: <https://amauroboliveira.wordpress.com/jornal/>.

8. Sobre Startups, Mercado & Economia Criativa

“O maior risco é não se arriscar. Em um mundo que muda muito rápido, a única estratégia em que a falha é garantida é não arriscar” (Mark Zuckerberg – Facebook)

Ainda é desejo profissional prioritário de muitos jovens, a possibilidade de ter um emprego público apesar da realidade de mercado que vem despertando estes jovens para ter seu próprio negócio. Este desejo tem fortes razões culturais que transcendem este ensaio. Raramente os alunos chegam a Escola com iniciativa para resolução de problemas, criatividade na solução destes e determinação em fazer completo e bem feito o que lhe é confiado.

É dever da Escola ajudar o aluno a ter iniciativa, exercitar sua criatividade, zelar pela completude e qualidade das tarefas. Neste contexto, a “Escola Pra Valer” vai ao encontro do conceito de Economia Criativa, modelos de negócio ou gestão que se originam em atividades, produtos ou serviços desenvolvidos a partir do conhecimento, criatividade ou capital intelectual de indivíduos com vistas à geração de trabalho e renda.

Iniciativa, criatividade e determinação são, portanto, requisitos desejáveis em qualquer atividade profissional, mas indispensáveis para quem quer dono do seu próprio negócio. Preparar o aluno nesta direção faz parte do conceito da “Escola Pra Valer”, mesmo que o aluno não tenha a vocação empresarial. Afinal, existem riquezas pedagógica e cidadã neste processo:

Pedagógica - o conhecimento sobre os mecanismos de gestão de uma empresa pode ser importante para o futuro pessoal e profissional do aluno, mesmo que o aluno acabe sendo empregado do setor público ou privado. A gestão de coisas pessoais, seja em casa quanto na Escola, é, talvez, o primeiro benefício para o aluno.

Cidadã - a medida que o aluno compreende melhor as etapas na criação e manutenção de uma empresa, dos desafios diários enfrentados pelo dono do negócio ao “fantasma” da folha de pagamento no final do mês, sua criticidade e capacidade de colaborar com a sociedade serão mais refinadas, justas e eficientes.

A propósito, um ex-aluno do IFCE, empresário de sucesso, disse-me certa vez: quando se tem um produto finalizado, testado, pronto para ser comercializado, ainda não se chegou na metade da “caminhada” para se obter resultados concretos. Fazer o negócio acontecer, ou seja, vender o produto ou o serviço oferecido pela empresa, é uma parte complexa e determinante na sobrevivência de uma empresa de qualquer porte.

Nota-se que esta percepção do negócio não tem sido bem cuidada na formação do nosso aluno. Isto é um agravante para algumas instituições de ensino no interior do Estado podem estar condenadas ao papel coadjuvante de “Escolas Dormitório”. Se ao final de seus cursos os alunos não encontram um cenário favorável para criar empresas ou serem absorvidos como mão de obra qualificada, é natural que eles migrem para a capital, para outros estados ou para o exterior. Esta questão é uma preocupação da “Escola Pra Valer”, que quer melhorar a sociedade, que deve existir independente da sensibilidade dos agentes políticos locais.

Paradoxalmente, a Escola estaria “piorando” a comunidade local ao “exportar” seus jovens qualificados para outras localidades, obrigados a procurar empregos qualificados. Assim, a apropriação do entorno social pelo jovem é uma chance concreta de mudanças em uma comunidade. Se seus líderes “fogem” dela, por qualquer razão, as possibilidades de avanços sociais, econômicos e culturais diminuem.

Recomendação: o candidato deve estimular o debate e a familiarização deste tema na Escola. Isto é possível via a existência de disciplinas eficientes sobre empreendedorismo, inovação, Economia Criativa, passando por estratégias de encubação de empresas, criação de startups, etc. O apoio à criação de um Polo de Desenvolvimento Local de produtos e/ou serviços com base tecnológica é, portanto, desafiador. Mister se faz de uma aproximação efetiva da Escola com empresas locais, entidades e agentes do chamado setor produtivo, via mostras científicas, feiras tecnológicas, workshops, rodadas de negócio, etc.

Leitura complementar: “Paixão, amor & Fibonacci” (Jornal O POVO, em 09/jul/2016). Link para acesso: <https://amauroboliveira.wordpress.com/jornal/>.

Aracati, 21 de agosto de 2016

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'A. Mauro'.

Mauro Oliveira, PhD em Informática

www.maurooliveira.com.br